



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

O pensamento sistêmico na prática do teólogo junto a famílias

Systemic thinking in practice of the theologian with families

Flavia Diniz Roldão

Faculdade Evangélica do Paraná, Curitiba, PR, Brasil
aquarelavirtual@hotmail.com

Renata Pampuch Cruz

Faculdade Evangélica do Paraná, Curitiba, PR, Brasil
renatapampuch@hotmail.com

Resumo

Este trabalho aborda a Teoria Sistêmica, destacando-a como um dos paradigmas do pensamento científico disponíveis na atualidade para a fundamentação da atuação prática do teólogo. Aborda o papel deste na comunidade, e como ele pode utilizar ferramentas do pensamento sistêmico para um acompanhamento de famílias em situação de crise na pastoral. Esta pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica. Julga-se importante a contribuição deste estudo por abordar uma aplicação do pensamento sistêmico e algumas de suas ferramentas no cuidado pastoral, a saber: o genograma, a compreensão do ciclo de vida, e da rede social do indivíduo na leitura do contexto e ações interventivas no aconselhamento pastoral.

Palavras-chave

Pensamento Sistêmico. Família. Teologia. Cuidado Pastoral.

Abstract

This paper addresses the Systemic Theory, highlighting it as one of the paradigms of scientific thinking available today for the reasoning of practical work of the theologian. Addresses the role of this community, and how he can use tools of systems thinking to an accompaniment of families in crisis in the pastoral. This research comes up a bibliographic review. It is deemed important contribution of this study to address an application of systems thinking and some of its tools in pastoral care, namely: the genogram, the understanding of the life cycle, and the social network of the individual reading the context and intervening actions in pastoral counseling.

Keywords

Systemic Thinking. Family. Theology. Pastoral Care.

Considerações Iniciais

O pensamento sistêmico é uma visão de mundo, que enfatiza o interesse pelas relações. Difere do pensamento cartesiano. Entende que o método analítico mostra-se insuficiente para estudar e trabalhar as ciências humanas, pois são muito complexas e subjetivas. Fundamenta-se no paradigma científico baseado em sistemas. Nessa direção, o presente artigo busca mostrar como esse novo paradigma da ciência pode contribuir como fundamentação teórica para a prática do teólogo na pastoral, especificamente no tratamento com famílias em situação de crise.

O pensamento sistêmico já foi aplicado em diversas outras áreas, entre as quais podemos destacar a psicologia, a psiquiatria, a medicina familiar. Um bom exemplo disso em termos de psiquiatria é a criação do CAPS (Centro de atenção psicossocial), que rompe com o modelo antigo de tratamento focado na doença mental e foca no doente integralmente, considerando que o transtorno mental não se configura apenas na esfera biológica, outros aspectos do viver constituem-se fundamentais para o tratamento. A família é um dos vértices deste tratamento. Olhando para todos os aspectos que envolvem a vida do ser humano e contribuem para o seu processo de formação percebe-se que a dimensão espiritual/religiosa também tem grande importância para a formação de valores.

Levando em consideração que muitas das pessoas que buscam ajuda no momento de conflito familiar na psicologia ou mesmo em outras instituições de saúde, frequentam também uma instituição religiosa, considera-se importante que o teólogo ou pastor que trata de famílias esteja atento aos novos modelos de análise familiar, bem como às ferramentas que podem auxiliá-lo na tarefa de orientador ou conselheiro que geralmente desenvolve na comunidade. Para o desenvolvimento deste trabalho foram utilizados livros que abordam o pensamento sistêmico, bem como artigos teológicos. Foi feita uma revisão de literatura e um levantamento bibliográfico de autores que já escreveram sobre alguns conceitos aqui abordados.

O pensamento Sistêmico

O pensamento sistêmico é apresentado como uma forma de pensar cientificamente. É considerado como um dos paradigmas científicos; uma forma de ver e pensar o mundo de forma bem diferente da tradicional de pensar e conhecer o mundo cientificamente. Para compreender esse novo paradigma é necessário e fundamental conhecer os pressupostos nos quais os cientistas vêm embasando seu trabalho. A seguir, será feito um breve resumo histórico do pensamento científico, que servirá de ponte para a compreensão atual do pensamento sistêmico.

Começando pelos gregos, Vasconcellos escreve que

Pode-se considerar que um momento privilegiado e único na história da humanidade, que ocorreu na Grécia Antiga, entre os séculos VIII a.C. e VI a.C., foi a chamada “descoberta do *lógos*”, “descoberta da razão”, ou “salto do mito para o *logos*”. Ou seja, o reconhecimento, pelos gregos, de que a razão, a alma racional, pode ser usada como instrumento de reconhecimento do mundo, das coisas.¹

Alguns pensadores gregos tentaram compreender o mundo, buscando seu princípio explicativo – Thales, Anaximandro e Anaxímenes. Porém, o salto do *mythós* para o *lógos* só aconteceu muito tempo depois. Sócrates (469-399 a.C.) trabalhou de forma clara que é necessário justificar as proposições por meio de demonstração e através do argumento. Depois, tanto Platão (427-347 a.C.) quanto Aristóteles (384-322 a.C.) não se cansaram de enfatizar a importância de um conhecimento verdadeiro e combateram tanto o mito quanto a opinião.²

Eles consideravam o mito como um conhecimento imediato, não mediado pela razão, não sendo um conhecimento seguro sobre as coisas. A opinião também é desconsiderada pelos gregos como forma legítima de conhecimento, sendo rotulada como própria do senso comum. Ao afirmarem que essa é uma forma de pensar que não é boa, já começaram a desenvolver a idéia de ciência como pensamento racional. Durante a idade média toda reflexão sobre conhecimento se dá nos quadros de uma filosofia religiosa. Acima das verdades da razão estão as verdades da fé. As tentativas de racionalização avançam somente até onde não questionam as verdades reveladas. Dois nomes que se destacaram neste período são Santo Agostinho e São Thomaz de Aquino.³

Posteriormente, a ciência aparece no século XVII d.C. Neste período de tempo acontece a separação entre a ciência e filosofia. As ciências impírico-positivas passam a funcionar à parte das elaborações filosóficas, e são instalados modelos de cientificidade que se descobrem bastar sem a filosofia. Sobre isso Vasconcellos afirma que:

Tradicionalmente, desde que no século XVII, com Descartes instalou-se definitivamente a separação entre a ciência (o domínio da coisa, da medida, da precisão) e filosofia (o domínio do sujeito, da especulação, da argumentação), a ciência tem se ocupado das práticas científicas que lhes dão suporte, enquanto a filosofia vem se ocupando dos pressupostos epistemológicos e ontológicos subjacentes a toda atividade científica, ou seja, das crenças do cientista sobre “como conhecemos” e sobre “o que conhecemos”.⁴

1 VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. *Pensamento sistêmico*. O novo paradigma da ciência. Campinas SP: Papirus, 2002. p. 53.

2 VASCONCELOS, 2002, p. 53.

3 VASCONCELOS, 2002, p. 58.

4 VASCONCELOS, Maria José Esteves de. *Pensamento Científico: uma epistemologia científica para uma ciência novo-paradigmática*. p.2. Disponível em: <<http://legacy.unifacel.com.br/quartocbs/arquivos/14.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2013.

René Descartes enfatizou que o método da filosofia seria a especulação ou o método reflexivo, enquanto o da ciência seria a experimentação ou método matemático. Tomando esse novo padrão de racionalidade centrado nas matemáticas, a natureza é atomizada, buscam-se as leis que a governam, segundo a linguagem do número e da medição. Esse tipo de pensamento pode ser eficiente nas as ciências naturais, para explicar os fenômenos da natureza. Porém, com relação às ciências humanas não pode ser aplicado tão eficientemente, uma vez que essas ciências têm seu próprio padrão de cientificidade, visto serem muito complexas e subjetivas.

Sugere-se aqui a melhor aplicabilidade do pensamento sistêmico para compreender as Ciências Humanas. A Teoria Geral dos Sistemas foi introduzida por Ludwig von Bertalanffy em 1975 e se baseia em estudos teóricos que datam do início deste século. Para ele

É necessário estudar não somente as partes e processos isoladamente, mas também resolver os decisivos problemas encontrados na organização e na ordem que os unifica, resultante da interação dinâmica das partes, tornando o comportamento das partes diferente quando estudado isoladamente e quando tratado no todo.⁵

Segundo esta teoria, todos fazem parte de um sistema que se rege por regras de homeostase e de desenvolvimento buscando um ponto de equilíbrio entre a manutenção do sistema e seu crescimento.⁶ Conforme o pensamento sistêmico, para entender o ser humano, é necessário entender o sistema relacional no qual ele está envolvido. Trillas nos diz que:

A necessidade que as pessoas têm de compartilhar suas experiências, de ser reconhecidas e respeitadas em seus atos e pensamentos e de sentirem-se úteis para com os demais, traçam de maneira básica as características sociais humanas. São condições de solidariedade e colaboração as que nos tem mantido ao longo da história de nossa evolução como humanos.⁷

Percebe-se como a concepção materialista e mecanicista induz a ver a realidade de uma forma racionalmente prática e linear, mas insuficiente, acabando por excluir muitos fatores que conjuntamente intervêm no complexo fato de viver. Muitas áreas das ciências humanas acabaram por adotar esse tipo de pensamento (sistêmico), observando o sistema

⁵ BERTALANFFY, Ludwig Von. *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 53.

⁶ WAGNER, H., WAGNER, A., TALBOT, Y.. Aplicação do Pensamento Sistêmico no Trabalho em Saúde da Família. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, Florianópolis, v. 1, n.1, p.29-35, 2004. Disponível em <<http://www.rbmf.org.br/index.php/rbmrc/aticle/view/8>> Acesso em: 27 out. 2013. p. 29.

⁷ TRILLAS, Cristina Trullá. *A terapia familiar sistêmica: em sintonia com o mundo*. Psicologiamédica, Campina Grande: UFCG, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.psiconica.com/psimed/files/html/terapia%20familiar%20sistemica.html>> Acesso em: 23 Maio 2011.

em suas pesquisas e até mesmo se inserindo nele nas intervenções. Uma das áreas das ciências humanas é a Teologia, que tem por objeto de estudo Deus e a relação dos seres humanos com Ele, bem como, as implicações dessa relação nas relações interpessoais e sociais.

A teologia é dividida basicamente nas seguintes áreas: Sistemática, Bíblica Exegética, Prática e Histórica. Na área de Teologia Prática encontra-se a Teologia Pastoral, que tem como um de seus focos o cuidado pastoral, cujo objetivo é ajudar as pessoas a encontrarem paz (shalom) e bem-estar com seus pares.

Graham⁸ assim escreve a respeito do cuidado:

O cuidado é entendido como participação subjetiva e estratégica nas dinâmicas internas das pessoas e entre as pessoas e seus mundos. A natureza da personalidade humana é entendida em termos contextuais ao invés de individualistas.

Considera-se importante que o teólogo compreenda quais são as formas de pensamento que podem auxiliá-lo na tarefa do cuidado, e quais são as ferramentas que ele poderá obter do pensamento sistêmico para aplicar no seu dia a dia de atendimento às pessoas da comunidade. Consciente de que cada indivíduo tem um contexto de múltiplos relacionamentos que o influenciam direta ou indiretamente, o teólogo poderá analisar quais fatores compõem a gênese da disfuncionalidade familiar para melhor ajudar.

O papel do teólogo na comunidade

Aqueles que se enamoram da prática sem ciência são como os navegantes que entram no navio sem timão e bússola que jamais tem certeza para onde vai. Sempre a prática deve ser edificada sobre uma boa teoria

(Leonardo da Vinci)

A primeira consciência que deve permear o coração de alguém que se coloca na tarefa de fazer teologia é a realidade de que ele está intrinsecamente ligado a uma comunidade de fé⁹. Satler- Rosa¹⁰ se refere à comunidade de fé como

⁸ GRAHAM, Larry Kent. *Care of persons, care of worlds* [Cuidar de pessoas, cuidar do mundo]. Nashville: Abingdon, 1992. p. 19.

⁹ PASSOS, J. D. Teologia e Profissão: considerações gerais sobre a institucionalização de uma área do conhecimento. In: SOARES, A M. L. E PASSOS, J. D. *Teologia Pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica*. SP: Paulinas, 2011. KUSMA, A teologia no universo científico e sua especificidade epistemológica. In: SOARES, A M. L. E PASSOS, J. D. *Teologia Pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica*. SP: Paulinas, 2011.

¹⁰ SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cuidado Pastoral em tempos de Insegurança. Uma Hermenêutica Contemporânea*. São Paulo: ASTE, 2004. p.42.

(...) ambiente vital do cuidado pastoral. É, portanto, modelo alternativo ao individualismo dominante em muitas sociedades. A igreja, baseada na natureza relacional do amor de Deus é o “círculo de relacionamentos que se abre para incluir o mundo em seu abraço.

A vocação e as reflexões do teólogo, sujeito ativo do processo reflexivo, nasce necessariamente deste espaço vital no qual se desenvolve. A comunidade de fé é o chão no qual o teólogo geralmente se encontra enraizado. Ao mesmo tempo esta, a comunidade, é a massa para qual ele é chamado a ser fermento com sua reflexão. Dela é chamado e para ela é que se faz reflexão. Portanto, todo o conhecimento científico produzido pelo teólogo poderá ser utilizado para ajudar a comunidade de fé. A comunidade precisa de pessoas instruídas para a tarefa do cuidado pastoral. Henri Nouwen é citado por Sathler Rosa¹¹ entende que

Há atitudes pessoais e funções básicas das pessoas vocacionadas ao serviço pastoral das quais dependem a eficácia de suas ações de cuidado. Essas atitudes e papéis conferem a autenticidade à atuação pastoral. O conhecimento de conteúdos e métodos [grifo meu], o compromisso pessoal e a dedicação são ingredientes importantes e necessários.

Entende-se que o conhecimento teológico-científico precisa ter uma íntima relação com o cuidado pastoral. Ele é o chão que funda a Teologia Prática. Sathler-Rosa¹² destaca que “a hipótese norteadora é que o pastoreio- quer na modalidade de cuidado, ação, ou outras - e a teologia, são indissociáveis”. Todo pastor, pastora, diácono, ou cuidador faz teologia, pois elabora a fé, e fundamenta suas ações sobre esta, mesmo que muitas vezes desprovido de critérios acadêmicos. O conhecimento de conteúdos e métodos que são adquiridos pelo teólogo em sua formação ilumina a ação pastoral. Este conhecimento teológico pode ser definido como um conjunto de elaborações que são formuladas com o propósito de elucidar a ação. Sathler-Rosa¹³ esboça quatro justificativas para reafirmar a necessidade e a indissociabilidade entre a ação pastoral e a teologia

Primeiro, a teologia provê uma visão normativa acerca da missão da Igreja a qual procede de sua dinâmica tradição. *Segundo*, a maioria das práticas pastorais se ressentem de um consistente corpo teórico-teológico para iluminar essas práticas e para ampliá-las pelo confronto com a realidade dessas práticas. *Terceiro*, **a teologia oferece a teoria necessária para um diálogo construtivo com as ciências** [grifo nosso]. *Quarto*, a teologia realça a especificidade de ação pastoral: o compromisso dos agentes pastorais com Deus, com o próximo, com a sociedade e com o bem-estar da humanidade.

¹¹ SATHLER-ROSA, 2004, p. 42.

¹² SATHLER-ROSA, 2004, p. 56

¹³ SATHLER-ROSA, 2004, p. 57.

Em síntese, o cuidado pastoral fundamentado em tradições culturais bíblicas e ancorado nos estudos das ciências, refere-se a atitudes e ações visando a salvação, a harmonia e o bem-estar do ser humano no contexto de seus múltiplos relacionamentos. Entre as relações mais importantes na vida do indivíduo, destacamos os relacionamentos familiares, estes que se caracterizam como base de formação e também compartilhamento de experiências e afetos.

Utilizando o pensamento sistêmico para trabalhar com famílias em situação de crise na área de teologia

Todo relacionamento está sujeito a momentos de conflitos e crises. O teólogo ou pastor, ao exercer atividades pastorais, como pessoa que se ocupa com sua comunidade, deve estar atento as crises que as famílias passam, oferecendo sua ajuda e seu conhecimento.

Todas as famílias passam por crises. Uma das funções da igreja é proporcionar meios- cursos, palestras, aconselhamento- para que as famílias aprendam a lidar com as crises de maneira construtiva. A igreja também deve acompanhar as famílias ao longo de seu ciclo vital, fazendo-se presente em ocasiões marcantes da vida familiar como casamentos, nascimentos, aniversários, formaturas, enfermidades, mortes, etc.¹⁴

Algumas das ferramentas do pensamento sistêmico poderão ajudar em muito o pastor ou o teólogo a cuidar de famílias que se encontram em conflitos. Compreender o funcionamento das relações humanas, em particular das famílias é um processo complexo e de fundamental importância ao se trabalhar em cuidado pastoral. É objeto do pensamento sistêmico pensar relações complexas e interconexões entre fatos, crenças e pessoas.

É necessário perceber e entender o outro dentro do seu contexto relacional. Considerar o que o indivíduo já viveu, como se relaciona com sua família, qual seu histórico familiar, e se este histórico ainda influencia a vida familiar, qual o ciclo de vida em que a família se encontra, qual é a sua rede social. Esse processo ajudará a encontrar fatores que podem estar contribuindo para uma disfuncionalidade familiar. A intervenção para a ajuda dependerá do treinamento, do comprometimento, do tempo disponível e do grau de relacionamento desenvolvido com o indivíduo e sua família. O teólogo pode utilizar algumas ferramentas do pensamento sistêmico para cuidar de famílias da comunidade que serão apresentadas a seguir: o Genograma, a Rede Social, e/ou o Ciclo de Vida das Famílias.

¹⁴ FRIESEN, A.; GRZYBOWSKI, C. "C."; OLIVEIRA, R. M.K. *De bênçãos e traições*. Curitiba: Esperança; Viçosa, MG: Ultimato, 2006. p. 110-111.

Genograma é um instrumento que permite descrever graficamente a família, como uma constelação familiar. Preferencialmente contém três gerações, e registra informações sobre esta família e suas relações. Sua estrutura em forma de “árvore” proporciona uma rápida visualização dos problemas de comportamento, das relações familiares existentes entre os membros e serve como uma rica fonte de hipóteses de como um problema surgiu e pode estar relacionado com o contexto familiar e sua evolução através do tempo. O genograma ajuda a ver “um quadro maior”, tanto do ponto de vista histórico como o momento atual. É como um “retrato da família”, onde podemos fazer apontamentos sobre os problemas atuais e como os problemas foram se sucedendo através das gerações.¹⁵

Pode-se também identificar em que fase do ciclo de vida a família em análise está passando. Quanto mais a família souber de sua história melhor vai lidar com conflitos. O ciclo de vida é uma das ferramentas mais utilizadas pelas equipes de Saúde da Família para abordagem e compreensão dos processos psico-socio-culturais que envolvem as relações entre os membros de uma família, entendida como um sistema emocional de pelo menos três ou quatro gerações.

É comum observarmos que as mudanças de ciclo na família podem envolver dois ou mais familiares. Tomando como, por exemplo, a chegada de um novo membro, representada pelo nascimento de uma criança, observa-se que o filho passa a ser pai, o pai transforma-se em avô, enquanto que o avô em bisavô. Momentos como este podem alterar a homeostase de uma família, gerar stress e conflitos, e torná-la vulnerável. Esta ferramenta permite antever estas situações e possibilita adotar um posicionamento de atenção à família que passa por este processo ou a realização de um “aconselhamento antecipatório”, de caráter preventivo, trabalhando profilaticamente.

Betty Carter e Monica McGoldrick falam a respeito dos estágios do ciclo de vida familiar e de autores que dividiram o ciclo de vida familiar em diferentes números de estágios

Michael Solomon (1973), um dos primeiros terapeutas a discutir a perspectiva do ciclo de vida familiar, delineou tarefas para um ciclo de vida de cinco estágios, e sugeriu a utilização desta estrutura como base diagnóstica sobre a qual planejar o tratamento. Outros autores dividiram o ciclo de vida familiar em diferentes números de estágios. A análise mais amplamente aceita é a do sociólogo Duvall (1977), que trabalhou muitos anos para definir o desenvolvimento familiar normal. Duvall separou o ciclo de vida familiar em oito estágios, todos referentes aos eventos nodais relacionados às idas e vindas dos membros da família.¹⁶

¹⁵ MCGOLDRICK, M. *Genogramas: avaliação e intervenção familiar*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

¹⁶ CARTER, B. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 8.

Outros dois teóricos que abordam o tema do Ciclo de Vida Familiar são Streck e Schneider-Harpprecht¹⁷. O modelo proposto por eles compreende seis fases: adulto jovem, casamento, família com filhos pequenos, família com filhos adolescentes, meia-idade e família na velhice. Passaremos a explicitar este modelo de modo mais detalhado a seguir.

A primeira fase é denominada de Adulto Jovem. Esta fase compreende algumas tarefas básicas, em especial a separação dos pais. Esta separação implica em aprender cuidar-se, tornar-se um “EU, e também o ingresso no mercado de trabalho.

A segunda fase aborda as temáticas do compromisso com o parceiro, casamento, formar um casal. Ela trata de compromissos e mudanças, é fase ligada ao assumir uma relação, e vai além da simples união de duas pessoas, pois se trata da modificação de dois sistemas inteiros, representados pelas famílias de origem, e a organização de um terceiro sistema. As tarefas desta etapa compreendem no estabelecimento de uma relação de intimidade entre o casal e uma progressiva separação dos pais, e também a divisão de tarefas.

Terceira fase aborda a chegada do primeiro filho e família com filhos pequenos. A tarefa de cuidar do filho representa avançar uma geração, mudando do status de filho para o de pai, quando não se está preparado para este novo papel e as concessões advindas dele, muitas separações podem ocorrer. Abrir a família para a inclusão do novo membro e dividir o papel de pais é a grande jornada desta etapa.

Quarto momento foi por estes autores denominado de Vivendo com Adolescentes. Este costuma ser um momento de muitos conflitos, pois a referência de pais que lidam com as crianças, nem sempre serve para os pais de adolescentes, visto que os limites dados na relação com os filhos menores não podem ser os mesmos. É na fase da adolescência que a pessoa tem as maiores dúvidas e anseios, é o momento de tomar importantes decisões. Flexibilizar as fronteiras permitindo o distanciamento e aproximação do adolescente e seus amigos é a grande tarefa deste estágio.

Quinta etapa, A Meia Idade. Neste estágio espera-se a saída dos filhos sendo novamente necessário um ajuste ao papel de pais, ou seja, “lançar os filhos ao mundo e seguir em frente”. Quando este ajuste não é realizado poderá possibilitar transtornos mentais como a depressão.

Sexto estágio, A Família na Velhice. O sistema tem como tarefa deste estágio aceitar as limitações impostas pela idade. Pode haver diminuição do ritmo de vida, perda (morte) de amigos e até mesmo do cônjuge, com aumento dos cuidados à saúde, tendo inclusive que comprometer grande parte de sua aposentadoria com medicamentos. É o

¹⁷ STRECK, Valburga Schmiedt; SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Imagens da família: dinâmica, conflitos e terapia no processo familiar*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

momento em que os pais, devido à complicação de saúde têm que morar com os filhos. Isso é muito complicado muitas vezes para eles, pois gostariam de manter sua independência. Neste momento de tantas perdas, a chegada de netos pode renovar o interesse que o idoso tem pela vida, participando do cuidado dos mesmos.

Através da abordagem do ciclo de vida, o teólogo ou pastor pode entender melhor o funcionamento das famílias, e os momentos do ciclo de vida familiar que podem ser mais vulneráveis a se instalar crises e conflitos decorrentes dos estágios de ciclo de vida. Estas são as chamadas crises previsíveis, havendo contudo também outras crises que poderão surgir no percurso de vida da família, chamadas crises imprevisíveis, pois surgem sem que a famílias as possa prever.

O teólogo também pode utilizar outra ferramenta bastante utilizada numa Abordagem Sistêmica (embora não seja um instrumento exclusivamente utilizado nesta abordagem), a Rede Social.

A rede social é um instrumento de percepção das relações familiares e sociais, com o qual se pode compreender o tipo de apoio e correlação que os indivíduos e as famílias têm para enfrentar as situações da vida. Demonstra à família, de um modo transparente, apoios e deficiências que precisam ser trabalhados no intuito de melhorar o enfrentamento de situações de estresse, além de permitir visualizar os recursos que a comunidade dispõe para apoiar a família em estudo.¹⁸

Este instrumento é de grande utilidade para teólogos e pastores que cuidam de famílias. É importante saber como é a rede social da família, se tem amigos, se frequentam algum clube, se estudam e/ou trabalham, para identificar como são as relações sociais. É importante também observar a rede social que a família tem, para saber se esta conseguirá suporte externo no momento de conflito.

O teólogo ou pastor pode ser um observador, e utilizar as ferramentas acima citadas para perceber os padrões que se evidenciam nas situações críticas das famílias de sua comunidade. A observação é fundamental para compreender como a família enfrenta, resolve e processa os conflitos, pois a vivência revela muito da organização da família.

Por fim, o teólogo ou pastor deve procurar observar, nas conversas e aconselhamentos, como os indivíduos agem e interagem, para poder auxiliar se houver padrões disfuncionais ou obsoletos que necessitem serem ressignificados para uma maior funcionalidade. As ferramentas do pensamento sistêmico o ajudarão a interagir com a família, inserindo-se no seu sistema, podendo desenvolver um mapeamento familiar para melhor atendê-la.

¹⁸ WAGNER, H., WAGNER, A., TALBOT, Y. 2004, p.32.

Considerações finais

Haja visto o que neste texto foi abordado, sugere-se que é importante para o teólogo em sua formação entender quais os processos que se deram na formação do pensamento científico. Conforme foi abordado, na evolução do pensamento científico, houve um tempo em que os cientistas trabalharam por reduzir as experiências científicas para as dimensões empírico-positivas, com método de experimentação, que funciona bem em algumas áreas, mas quando aplicado ao estudo dos seres humanos é muito atomizado e reducionista.

O ser humano é multidimensional e complexo. Tentar trabalhar com ele a partir de modelos mecânicos, é desprezar o complexo sistema que o constitui. Por isso, é mister compreender que o ser humano está ligado em uma imensa teia de relações que ele mesmo cria e necessita para viver, crescer, aprender e evoluir. As relações que um homem tem influenciam e impactam a sua vida em todos os sentidos, com destaque aqui principalmente para os relacionamentos familiares, onde se encontram as relações mais íntimas e próximas de grande parte das pessoas. Sugere-se que o pensamento sistêmico pode ser bastante útil nesta compreensão da dimensão relacional humana e na intervenção com as famílias em situações de crise.

O pensamento sistêmico pode ajudar a compreender o momento no qual famílias se encontra. Os conceitos de rede social e ciclo de vida são ferramentas que podem ser muito bem utilizadas para iluminar o entendimento de como se instalaram alguns conflitos e disfuncionalidades e o levantamento de fontes de apoio para o enfrentamento dos mesmos pelas famílias que sofrem. Também o genograma é uma forma de mapeamento familiar bastante útil para verificar como as gerações anteriores influenciam o estado atual dos diferentes membros da família e dela como um todo.

As comunidades eclesíásticas, através das atividades pastorais junto a comunidade, podem se esforçar para prestar uma assistência integral a todos os membros de seu corpo, e também pode se utilizar de conhecimentos e métodos científicos e multidisciplinares para um melhor cuidado às pessoas e suas famílias. O teólogo como pessoa que faz reflexão a partir da e junto à sua comunidade, pode trazer conhecimentos multidisciplinares e científicos que possam acrescentar no cuidado pastoral, tendo em vista alcançar uma ação de boa qualidade junto às famílias.

Referências

BERTALANFFY, Ludwig Von. *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis: Vozes, 1973.

CARTER, B. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FRIESEN, A.; GRZYBOWSKI, C. "C."; OLIVEIRA, R. M.K. *De bênçãos e traições*. Curitiba: Esperança; Viçosa, MG: Ultimato, 2006.

GRAHAM, Larry Kent. *Care of persons, care of worlds* [Cuidar de pessoas, cuidar do mundo]. Nashville: Abingdon, 1992.

KUSMA, A teologia no universo científico e sua especificidade epistemológica. In: SOARES, A M. L. E PASSOS, J. D. *Teologia Pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica*. SP: Paulinas, 2011.

McGOLDRICK, M. *Genogramas: avaliação e intervenção familiar*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

PASSOS, J. D. Teologia e Profissão: considerações gerais sobre a institucionalização de uma área do conhecimento. In: SOARES, A M. L. E PASSOS, J. D. *Teologia Pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica*. SP: Paulinas, 2011.

SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cuidado Pastoral em tempos de Insegurança. Uma Hermenêutica Contemporânea*. São Paulo: ASTE, 2004.

STRECK, Valburga Schmiedt; SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Imagens da família: dinâmica, conflitos e terapia no processo familiar*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

TRILLAS, Cristina Trullá. *A terapia familiar sistêmica: em sintonia com o mundo*.

Psicologiamédica, Campina Grande: UFCG, [s.d.]. Disponível em:

<<http://www.psiconica.com/psimed/files/html/terapia%20familiar%20sistemica.html>>

Acesso em: 23 Maio 2011.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. *Pensamento sistêmico. O novo paradigma da ciência*. Campinas SP: Papirus, 2002.

VASCONCELOS, Maria José Esteves de. *Pensamento Científico: uma epistemologia científica para uma ciência novo-paradigmática*. p.2. Disponível em:

<<http://legacy.unifacel.com.br/quartocbs/arquivos/14.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2013.

WAGNER, H., WAGNER, A., TALBOT, Y.. Aplicação do Pensamento Sistêmico no Trabalho em Saúde da Família. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, Florianópolis, v. 1, n.1, p.29-35, 2004. Disponível em

<<http://www.rbmf.org.br/index.php/rbmrc/aticle/view/8>> Acesso em: 27 out. 2013.

[Recebido em: novembro 2013

Aceito em: abril de 2014]